

Funai reage contra denúncias e demite seu delegado paulista

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Jurandy Fonseca, anunciou ontem a demissão de Alvaro Villas Boas da delegacia do órgão em São Paulo, com sede em Bauru, alegando que, além de discordar da atual política da Funai, o ex-delegado não vinha dando a devida assistência aos índios, especialmente aos guarani. Segundo Fonseca, a demissão não se relaciona com as denúncias publicadas, ontem, pelo Estado, nas quais Alvaro responsabiliza a Funai pela morte de cinco crianças indígenas, no mês passado. Ao mesmo tempo, ele comunicou a decisão de criar uma coordenadoria especial para cuidar da comunidade guarani, acrescentando que Alvaro Villas Boas defendia a tese de que aquele grupo não deveria ser tutelado.

O presidente da Funai devolveu as acusações, afirmando ser muito possível a ocorrência de falecimento de crianças por falta de assistência, já que "Alvaro abriu mão, em junho, do médico que trabalhava em sua região, a 12ª, sob a alegação de que não necessitava de sua presença". Segundo ele, a decisão de transferir o médico para outra área foi tomada na administração passada. Quanto ao fato da demissão ter sido decidida no mesmo dia da publicação da matéria com as críticas, o presidente disse tratar-se de uma "coincidência".

Fonseca afirmou que não credi-

ta na existência de um movimento entre os índios, conforme anunciou Villas Boas, para formar uma caravana destinada a vir a Brasília para fazer reivindicações. Garantiu que a decisão de demitir o delegado de São Paulo foi também baseada num documento que lhe foi entregue, terça-feira, por dez índios guaranis, assinado por seis representantes das 85 famílias daquele grupo que moram em São Paulo. De acordo com o texto, a Delegacia da 12ª Região não vem prestando assistência aos índios, alegando falta de recursos; indefinição da Funai em assumir a tutela dos guaranis; e intromissão de entidades de apoio ao índio na condução dos assuntos da Funai.

Os índios pedem que a Fundação assumira a tutela e que seja criada, em Santos, uma ajudância para dar apoio à comunidade guarani. O presidente afirma também que Alvaro Villas Boas diverge da Funai quanto à participação de índios na administração do órgão, dos entendimentos mantidos com entidades, como o Conselho Indigenista Missionário, e da aproximação com o deputado Mário Juruna. Ele entende que "a abertura da Funai e o diálogo são peças fundamentais da minha administração e Villas Boas estava destoando disso". Há cinco mil guaranis em Mato Grosso do Sul, cerca de cem no Rio, e um pouco mais de 300 em São Paulo, sendo estes, na opinião de Fonseca, os mais desassistidos de todos.

Para o lugar de Alvaro, Fonseca indicou José Carlos Alves, que já foi

delegado em Barra do Garças, em Mato Grosso, em Belém, no Pará e em Roraima. O subdelegado será um índio formado em advocacia, Joel de Oliveira, da tribo terena.

Jurandy Fonseca não afastou a possibilidade de reação negativa à sua decisão por parte dos sertanistas Orlando e Cláudio Villas Boas, irmãos de Alvaro, que são assessores especiais da presidência da Funai. No entanto, comentou que não está preocupado com a repercussão de seu ato, mas com "um apoio eficiente e decisivo às comunidades indígenas".

O ministro do Interior, Mário Andreazza, e o presidente da Funai estiveram ontem com o ministro do Planejamento, Delfim Netto, que prometeu liberar recursos no valor de US\$ 5 bilhões destinados a uma suplementação orçamentária para o órgão. Fonseca informou que, daquele total, Cr\$ 1 bilhão será aplicado em despesas administrativas, enquanto os outros Cr\$ 4 bilhões na assistência aos índios, podendo ser também utilizados para a demarcação de áreas indígenas. Ele ressaltou que a verba não foi ainda liberada e deverá haver uma confirmação oficial.

O presidente assinalou que não haverá tempo hábil para demarcar as 24 áreas aprovadas durante os dois meses de sua administração, adiantando que vai assinar um convênio com a Sudelpa — Superintendência do Desenvolvimento do Litoral Paulista — para que este trabalho seja feito nas áreas guaranis, em São Paulo.

Um defensor intransigente

O sertanista Alvaro Villas Boas sempre procurou, em sua gestão como chefe da 12ª Delegacia da Funai, em Bauru, defender os índios dos grandes proprietários. Ele atuava com as tribos do Interior paulista e do Norte do Paraná, e já em 1979 advertiu o governo paranaense para o risco de luta sangrenta que poderia ocorrer no Estado, entre índios e posseiros; e em 1981 contestou sistematicamente a acusação de que implantara projeto (56 mil pés de banana — o Projeto Banana) no posto indígena de Perutibe, em prejuízo das tribos: "A produção é do índio e não da Funai. Negócio de pai para filho" — frisou.

O sertanista procurava, com insistência, solucionar os problemas dos índios com as autoridades tanto estaduais como federais, para realizar bom trabalho em sua jurisdição. Alvaro Villas Boas, entretanto, jamais mudou de opinião em relação ao índio: acha que devem ser mesmo tutelados e, por isso, impossibilitados de emancipar-se. Mas ressalva que eles contam com um sem-número de regalias, entre as quais: assistência governamental, isenção de pagamento do Imposto de Renda e Liberação do serviço militar.

Para ele, no entanto, o problema do índio deve ser tratado com respeito e a seriedade que merece. E com poucas palavras justifica seu ponto de vista: "É mais humano".

Villas Boas confirma tudo: "Não retiro uma só palavra"

BAURU
AGÊNCIA ESTADO

Quando foi informado de que estaria demitido da chefia da 12ª Delegacia Regional da Funai, em Bauru, o sertanista Alvaro Villas Boas desabafou: "Não retiro uma só palavra do que disse. Como sempre o jornal O Estado de S. Paulo sempre foi fiel ao que lhe foi dito. A Funai hoje é um órgão controlado por pseudoantropólogos, semi-analfabetos, corruptos, agitadores, homossexuais e destruidores da cultura indígena, que transformam o índio em uma criatura ridícula. Mário Juruna e seus capangas são bem o exemplo do que acabo de dizer".

Ainda sem receber comunicação sobre sua demissão, o sertanista afirmou que essa decisão ele já esperava: "Foi por causa da entrevista de ontem. Eu já previa isso e até estava arrumando minhas malas. Essa informação não me surpreendeu, tendo em vista a qualidade do pessoal que hoje domina a Funai. Com esse desfecho, mais uma vez verifico que no meu país uma das coisas mais difíceis é realizar qualquer tipo de trabalho sério, já que no Brasil só se leva a sério o carnaval e o futebol".

Alvaro Villas Boas referiu-se, especificamente, ao trabalho realizado nos 12 postos indígenas de sua delegacia regional, lembrando "o que foi realizado em três anos entre índios aculturados que estavam reduzidos

a uma situação de absoluta miséria". Ele frisou que "a maior testemunha da revolução foi feita nesta delegacia, em áreas devastadas pelos ladrões do passado e que tem na Funai seus continuadores".

Citando que há 22 anos se dedica à causa indígena, o sertanista salientou: "Conheci o Xingu, cujo Parque Nacional foi criado por meus irmãos — Orlando, Cláudio e Leonardo. Ali viviam índios fortes, alegres e equilibrados em sua própria cultura. Atualmente, depois dos trabalhos dos antropólogos, temos no Xingu uma população triste, faminta, sem postura e sem nobreza. Os antropólogos destruíram tudo no Xingu, e acabaram com o que resta do índio brasileiro".

"Os antropólogos — ressaltou —, por incrível que pareça, são, em outro plano, o que foram outrora os bandeirantes e os bugreiros, escravizadores e assassinos de índios." Disse ainda que "muitos desses antropólogos recebem ajuda financeira do Exterior, principalmente da Holanda, e este é um assunto que deverá ser investigado pelas autoridades brasileiras".

E, insistindo na atuação dos antropólogos, Alvaro Villas Boas salientou que "a Funai perdeu a credibilidade por causa desses elementos que, junto com suas mulheres, andam nus nas aldeias, com penas de aves nas orelhas, querendo com isso demonstrar interação com a cultura

indígena, quando, na verdade, isso representa um desrespeito para com o índio".

Sobre o novo presidente da Funai, Jurandy da Fonseca, o sertanista foi reticente: "Trata-se de boa pessoa, mas que não está capacitada para dirigir o órgão". Já com relação ao Conselho Indigenista Missionário (Cimi), ele acusou: "É um grupo de padres marxistas infiltrados na Igreja para atuar junto ao índios".

A situação da 12ª Delegacia Regional da Funai, de Bauru, é grave, já que — de acordo com o sertanista — sem receber regularmente os recursos destinados aos seus projetos está devendo Cr\$ 53 milhões a fornecedores, incluindo hospitais que atendem as comunidades indígenas da região. As dificuldades econômicas mantêm praticamente inativas as equipes de saúde, assistência social e agrícola, cujos funcionários estão há vários meses sem poder visitar as aldeias.

Alvaro Villas Boas atribui a esse fato a ocorrência de cinco mortes de crianças índias, por desidratação, em junho. Mesmo número de óbitos infantis foi registrado, durante todo o ano passado, nos 12 postos daquela delegacia. Com a situação atual, segundo ele, também correm risco os numerosos projetos agrícolas implantados a partir de 1980 nas aldeias que se não forem efetivamente ativados, nos próximos 15 dias, poderão forçar os índios a se tornarem bóias-frias.



Alvaro Villas Boas